

1936 - Framinghi aprendiz de litógrafo

- Tudo começou porque gostava do desenho

O Brasil atravessava uma grande crise, em 1933. A crise brasileira tinha consequências da crise da América do Norte - a crise na bolsa. O café, principal fonte de divisas, para o Brasil, era queimado aos milhares de sacos, para manter o preço, em consequência da queda de exportação. Em São Paulo, somava-se a crise econômica - a crise política da revolução de 1932, e como resultado era uma miséria ~~de poucos~~ de poucos salários. Os operários trabalhavam só 1 dia por semana e a maioria era desempregado. Do interior de S. Paulo chegava diariamente trens apinhados de famílias que abandonavam a lavoura. Famílias de 10/20 pessoas que em verdade iam romarias aos bandos ocupavam as casas da Vila Anastácio, Vila Romaria e outros bairros, Nenhum em busca de trabalho onde já não havia para os que aqui viviam. Lembro-me do campo de futebol, onde hoje é a praça (Romaria) do parque infantil em frente a Cia Melhoramentos, lotado de desempregados, jogando cartas, fumando pontas de cigarros emprestados uns aos outros. Nunca vi tanta gente junta sem fazer nada o dia todo. Tinha <sup>em</sup> 13 anos.

Meu pai trabalhava 2 dias por semana no Liceu de Artes Oficiais de S. Paulo. Para quem tinha 4 filhos, na esposa, não era nada.

O empório do sr. Antonio Benatti - bancou um ano as despesas de alimentos da família, por volta de 100 - 150 mil reis mensais.

Quando soube do fato, através dos <sup>comentários</sup> ~~cadernos~~ de minha mãe com meu pai, fui ao sr. Antonio e ofereci-me para ajuda-lo no armazem em pagamento da dívida. Fui aceito para fazer as ~~escrita~~ <sup>anotações</sup> dos cadernos de fiado, a maioria ~~dos~~ <sup>de</sup> freqüentes comprovam ~~os~~ fiados. (2)

Neste tempo moravamos ~~na~~ <sup>na</sup> minha casa da ~~Rua~~ <sup>Rua</sup> Camilo esquina Caio Gracho.

~~no~~ <sup>no</sup> ~~aquele~~ <sup>aquele</sup> armazem, desenhava, nas horas de folga, copiava as espanholas com mantas, estampadas nas latas de azeitonas sevillanas.

Os desenhistas litógrafos da Melhoramentos, tinham depois das 5 horas tomar cervejas no armazem e eu aproveitava para mostrar os meus desenhos e prometiam que um dia me levariam para o estudio da Melhoramentos - como aprendiz.

O tempo passou, pagamos a dívida ao sr. Antonio e eu fui ganhar mais em outro armazem.

Era 1936, o sr. ~~Fra~~ Francisco Geraldi levou-me para a Melhoramentos - 19 de Março de 1936.

<sup>Concomitante</sup> ~~entre~~ <sup>entre</sup> fui para o estudio litográfico como aprendiz, onde só de olhar os profissionais executarem, aprendia-se muito, e eu não perdi nada do que acontecia a minha volta - sempre calado com muita disciplina e respeito.

<sup>no</sup> ~~no~~ <sup>no</sup> ~~melhoramento~~ <sup>melhoramento</sup> conheci-me dos profissionais: sr. José Deuz - o chefe, sr. Almirante Barbey, o gravador, Giovanni Oppido (hoje pintor) Alfredo Bontempo (mais tarde meu sócio no Grafstudio) cronistas, entre outros.

mas foi nesse armazem que fui ~~desenhistas~~ <sup>desenhistas</sup> <sup>(3)</sup>  
desenhando, nos horas de folga, copiando as  
latas de azeitonas e ervilhas - copiava  
aqueles espinhotos com as mantas sobre os  
ombros, estampadas nas latas.

Neste armazem, depois da 5 horas da tarde,  
vinha alguns dos desenhistas litográficos tomar  
umas cervejas e eu lhes preparava umas linguicas  
assadas em pimentas de bardo cheias de cachaca  
tacava fogo na cachaca e linguica assava, assim  
permaneciam mais tempo <sup>viaam</sup> e fulgavam os meus  
desenhos e prometiam que um dia me  
levariam para o melhoramento. O tempo passou  
e eu troquei de armazem - ja tinha pago a divida  
do meu pai - fui para o armazem dos Venturine  
ganhar mais ao mesmo tempo que tinha aulas  
de desenho com professor particular. Sempre-me que um  
dia tivemos uma noticia grave - a guerra na  
Espanha - estovamos em 1936 - ~~Foi~~ O General Franco tomou  
o poder - implantara-se a ditadura de Franco, na Espanha.  
Foi neste mesmo ano que recordei o convite para ser  
aprendiz na Melhoramentos; quem me levou para  
la foi o sr. Francisco Gheraldi, ~~que~~ comeci  
no dia 19 de março 1936 - a ajuda de custo de 40 mil reis  
mensais (ganhava 300 no armazem) - mesmo assim  
valeu a pena - desenhava o dia todo - comeci  
a trabalhar o futuro - estava deslumbrado -  
- desenhar o dia todo e ainda receber algum!

Estava no estudio litografico da melhoramentos  
onde so de olhar os profissionais executarem, aprendia-se  
muito, e eu nao perdia nada do que acontecia em volta -  
- sempre colado, com muita disciplina e respeito <sup>de mim</sup>.  
O chefe de ~~desenho~~ estudio era o sr. Jose Deuz, o sr.  
Almirante Barbey era o gravador -

Minha ida para o estudio litografico do sr  
 Luiz Benazzatto (Rua Brigadeiros Tobias esquina <sup>Seminário</sup> ~~Seminário~~,  
 por se encontrar no centro da cidade, mudou muito  
 os rumos de minha vivência, (Sai do bairro da Lapa)  
 conheci novos amigos, Mario De Swituis, Mario  
 Chiavegatti, Valentina Cai, novos ambientes, alguns  
 juntos juntamente com Valdemar Vallado amigo de  
 infância da Lapa. Foram muitos bailes e (pic-nicks)  
 piqueniques. Foi a época da desconstrução - 19 anos.  
~~me~~ Vinte e herter-me (se assim posso dizer) de um  
 compromisso assumido aos dezesseis anos (imagino só)  
 de me casar com M. nomeada dos tempos da Lapa  
 compromisso incoerente porque tanto eu quanto ela  
 eramos crianças. Eu levava a vida muito a sério  
 e por isto achava que, embora crianças, as coisas tinham  
 que ser para valer. O contexto bairro/cidade <sup>para o</sup> no meu  
 entendimento foi contundente - o "mundo" abriu-se  
 ou <sup>os olhos</sup> naturalmente se apresentaram - o futuro era outro -  
 a Lapa ficou na infância - M. sofreu as consequências  
 eu não desejei assim eu não quis assim - entrei para a  
 vida, para outra vida comeci a sentir que eu precisava  
 me completar no que me faltava e faltava muito -  
 quase tudo em termos de conhecimentos, cultura e formações.  
 Os novos contatos e novas amizades me interessavam muito  
 por isto - foram gratificantes e enriquecedoras no novo  
 percurso que me sensibilizavam. - E abertura para a <sup>abjetivos</sup> música  
 classica por um de los, para o teatro e a literatura, ~~as~~  
~~subsidenciadas~~. Aos ~~20~~ 20 anos deixei o futebol para  
 o esporte em geral - entrei para o Esperança/Florentino  
 e pratiquei tudo o que podia - até nadar no rio Tiete que ~~mas~~  
 era poluído. O futebol ~~mas~~ fez falta por mais de dez<sup>10</sup> anos  
 (mas sofri a derrota do ~~Brasil~~ Brasil na copa de 50 -  
 Deixei o futebol desolado pela proteção dada a alguns  
 pupilos da "Castelozem" e eu queria ser ponta esquerda do  
 Palestra e era barrado no ~~alcanturado~~ - O ~~gambon~~ <sup>dava</sup> na ~~fajada~~ <sup>dava</sup> a ~~conversa~~

VIRE

Todas as coisas que ocorreram depois de 1940, embora aguardasse o fim da guerra, que apenas começava, foram significantes ~~experiências~~ para o caminho que buscava. As décadas de 40 e 50 deram tudo e foram quase tudo para a minha formação como ser humano, profissional, artístico, filosófico - muita coisa mudou.

Uma coisa à parte

Spiegel chega e me cumprimenta.

Spiegel pintou forém da década de 60 arquitetura ~~tombada~~ - Debates vários assuntos.

Antes de se retirar, ele disse: O rebelde é aquele que não aceita o sistema, mas também não se sujeita a sua marginalização. - não se marginalize na sociedade.

Eu ~~deixo~~ <sup>penso</sup> - como? como é possível?

Para mim isto já é a total marginalidade ~~porque~~ porque o sistema é a sociedade em que se vive e automaticamente a sua renúncia é a marginalidade.

E utópico. Spiegel, é utópico.

Vamos continuar o depoimento. vou te pagar

O apêndice para ele tem, sempre e sempre de  
apêndice e eu segurei para o estudo de  
burg, Bourgeois (segue-se depoimento)

~~Armas e armas~~ A minha mudança para (6)  
o Estúdio Benozatto significou profissionalmente, como  
litoógrafo (ainda artesanal, <sup>litoграфия</sup> sobre pedra e zinco) a  
emancipação também financeira em termo de salário.  
Eu tinha 20 anos e ganhava mais que muitos ~~o~~ chefe  
de famílias com muitos filhos. Se por um lado, ganhar  
mais proporcionou maiores facilidades na compra  
de discos e livros e a frequência nos teatros, cinemas  
e em ambientes mais adequados para <sup>minha</sup> melhor formação,  
por outro lado tornou a ideia de ser pintor, ideia  
que me perseguia sempre, tornou-se mais distante porque  
era difícil aceitar a troca de tudo que eu havia  
conquistado, até então, pela precariedade, a sargeta  
que sempre vislumbrava a vida de artista/pintor,  
na época - seria marginalizada. Por isso  
O momento para ser pintor - ~~espero~~ pintor foi sempre  
aguardado para um melhor momento.

Nessa mesma época, e concomitantemente, frequentava  
o Liceu de Arts e Ofícios, O Instituto de Ciências e Letras  
Inglês (Redshaw school), O curso de Pintura e  
História da Arte com Waldemar da Costa (no ateliê da  
Av. Brigadeiro Luiz Antonio) - Charoux também era  
frequente ao curso. Frequentava também as aulas de  
modelos ao vivo da Associação Paulista de Arts Plásticas,  
Simione orientava, onde conheci Geraldo de Barros que  
também iniciava.

Como litoógrafo passei a ser um profissional muito  
requesitado devido a uma especialidade que era  
o desenho a crayon litoográfico sobre zinco para a  
impressão de cartões de grande tamanho (out door)  
e outros.

Nure

Ocorreram então várias mudanças de emprego devido as ofertas sempre mais vantajosas. (7)

Cia Piranga, depois Grafica Louzara, Cia Siqueira onde criei um departamento para a especialidade que exercia e levei outros profissionais a meu convite - entre eles Alfredo Bontempo mais tarde meu sócio no Grafstudio Ltda - 1946

No grafstudio tive a oportunidade de diversificar a minha atividade profissional.

No Grafstudio, além das artes gráficas, desenvolvi trabalhos de publicidade, inicialmente para outras agências e departamentos próprios das empresas:

Lever, Salmoirinho (Corgate), Lintas, Standard, Panam. sempre no fornecimento de serviços de arte final.

Ao mesmo tempo fiz um curso de publicidade na Associação Paulista de Propaganda onde me formei em publicidade.

Fiquei deslumbrado com a publicidade. Quando recebi o convite da Lintas Publicidade para dirigir seu estúdio de arte, não pensei duas vezes e abandonei o Grafstudio, minha própria empresa deixando-a a

Alfredo Bontempo, ~~para que este fosse o responsável~~

A pintura, o velho ideal, era exercida só nos fins de semana ou férias ou a noite quando havia tempo.

A minha atividade na Lintas contribuiu mais para o intelecto; isto é: O ambiente e relacionamentos eram mais próprios para a atividade cultural e intelectual. Lá conheci Rodolfo Lima Matensen, Geraldo dos Santos, Joaquim Alves entre muitos outros. Mas foi Leopoldo Harz, de passagem rápida pela Lintas que me abriu os olhos para uma coisa que buscava a tempos na arte.

(Aqui entra manadas)

Eu achava <sup>que</sup> a apenas deveria ir para fazer só pintura <sup>8</sup>  
e profissionalmente, deveria ser acompanhada de uma  
ideia de arte que não fosse a pintura pela pintura  
pura e simplesmente, de uma busca que caracterizasse  
o meu próprio trabalho ~~o~~ que até' então era por mim  
considerado como uma grande fase de estudo, talvez,  
um pouco longa de mais para amadurecer. Eu já pintava  
há 10 anos e não estava convicto do meu caminho na arte  
Pintava como muita gente já pintava - impressionista -  
por isto achava que não valeria ~~forçar~~ a pena forçar  
uma atitude de ruptura, era preciso aguardar um  
momento próprio que deveria ocorrer e aí sim não  
perder a oportunidade.

Com Harr, a ~~essa~~ conversa era a arte, foram poucos  
esses momentos, mas suficientes para detonar em mim  
a opção quase que definitiva.

Harr falava de arte construída sem muita alusão  
a conteúdos. Sua escultura era uma construção.

Eu não sabia como mudar e me angustiava com  
o impasse. O cubismo não <sup>me</sup> agradava, a desfiguração  
~~mas não~~ não ~~era~~ o meu caminho. No abstracionismo  
o que não me agradava era a cor sempre ~~em~~ <sup>ainda</sup> ~~em~~ <sup>em</sup>  
entornada e o ~~esse~~ excesso de formas de representações

Diante desse conflito ~~em~~ somados ao conflito de ter  
ganhar a vida com a publicidade, mais de uma  
vez pensei em largar tudo e entregar a alma ao diabo.

A insistência levou-me a experimentar na  
publicidade aquilo que deveria experimentar na  
pintura; isto é: Simplificar a forma e limitar  
as cores - trabalhar ~~com cores~~ ~~para~~ um pequeno número de  
cores. Em 1950/51 foi me encomendado um folheto e um  
cartaz <sup>populista de corte</sup> para Escola de Propaganda do Mesp. do diretor  
Pietro Maria Bardi

MBE



Elaborei com tema uma forma dinâmica (9) que evoluiu de evoluções ascendente para a capa do folheto e o cartaz, para os projetos de cartaz duas formas horizontais. As cores eram três: Preto, cinza e amarelo puro.

Esta experiência animou-me para outras e passei a exercitar vários estudos. Abandonou a pintura no campo, paisagista - passei ao trabalho de estudos de pintura de estudo. Voltei a frequentar o ateliê de Waldemar de Costa. (Rua João Adolfo) 1952

Esse comportamento durou Fatos de 1951 a 1954 fiz tudo, desta vez, a publicidade.

Em 1955 o ~~feito~~ resultado desse longo período detonou com o que eu não sabia existir até IIIª Bienal onde participei com 2 trabalhos, - a arte concreta Um desses trabalhos foi inspirado na forma dinâmica de evoluções ascendente do folheto e do cartaz que fiz para o masf. Essa obra tem o título Elevação Vertical com movimento horizontal, foi premiada com a grande Medalha de Prata do Salão Paulista de Arte Moderna de 1955.

A publicidade era desempenhada "Free-lance" por sustentos o pintor e a família. Foram muitos meses de trabalho, mas era mais possível para com a pintura agora definitiva e definida com eu a queria acompanhada de uma ideia de arte.

O momento a pintura tinha ocorrido e estive prestes a escapar se não fosse a intervenção do amigo Valentim Cai em levar aquelas duas obras para inscrever-las na Bienal - eu alegava falta de tempo,

mas na verdade eu estava inseguro porque duvidava (10)  
que o júri da Bienal aceitaria aqueles trabalhos  
de formas simples e a duas e três cores e de títulos  
complicados como: Elevação Vertical, Sequência de  
~~formas~~ curvas, Alternados 1 etc. Os tempos eram  
outros, hoje os títulos são comuns.

Por outro lado eu também não sabia em que  
tendência esses trabalhos se situavam, nunca  
~~havia~~ ~~queria~~ falar em arte concreta e não  
sabia de sua existência. Para mim tudo era abstrato o que <sup>na época</sup> ~~era~~ <sup>figurativo</sup>  
Teoricamente sobre arte moderna eu havia lido pouca  
coisa, tinha pouca informação, o máximo que ~~era~~  
atingia ~~me~~ <sup>os</sup> com meus conhecimentos de história  
da arte, era até o abstracionismo de Kandinskij.  
O cubismo de Picasso e o impressionismo, expre-  
sionismo e o meu preferido - Van Goy. Eu era  
ridrado em Van Goy, portanto situar-me numa  
obra construtiva que foi <sup>enquadrada</sup> ~~então~~ pela crítica  
na tendência concreta e elogiada <sup>de modo que</sup> como revelação, na  
época, considero um verdadeiro milagre, milagre  
que muito me estimulou e que me estimula até hoje mas,  
que também me escraviza, escravidão, porque nada  
tem sido fácil e os tempos se tornaram <sup>duas</sup> ~~duas~~ neste  
Brasil que agora, aos 64 anos, não me engano, duas  
crises políticas (algumas forçadas por interesses escusos) e  
econômicas, seriam cânceros crônicos incuráveis  
próprio de um país subdesenvolvido em que na  
América do Sul, <sup>o Brasil,</sup> mas é execação e não o contrário.  
(Neste momento ~~é~~ <sup>é</sup> tal <sup>a minha</sup> frustração que como civil e <sup>o</sup> pintor  
me ~~peço~~ <sup>sinto</sup> pouco mais do que merda.)

Casado com Mercedes com Maria Lydia nascida (11)  
e Hermes por nascer (nascou em 1955)

Mas foi facil manter a barra<sup>so</sup> de pintar, muitas  
voltas foram necessarias e muitas e muitas outras  
voltas ainda ocorreriam.

Em todo caso a ideia de publicitario "free lance"  
dava para manter a ilusao que mas estava  
abandonando da pintura. A esta altura exercia  
as duas atividades simultaneamente - O atelier  
num do quarto da casa era o mesmo para  
as duas atividades. Quando as exposicoes estavam  
proximas, eu pintava. Este comportamento durou  
entre 1952 e 1956/57 com raras interrupcoes.

Em 1956 fiz a empresa P.A.P. Primeira Agencia Promocional  
com o Sr. Julio Dantas.

Foi ainda em 1956 que conheci Decio Liz natoris.

1955 Antes disso conheci Luis Sacilotto apresentado na  
Biennial por Valentino Cac. Sacilotto nos convidou  
na ocasião para frequentar o Clubinho - Clube  
dos Artistas. No Clubinho as reunioes eram frequentes  
entre os artistas concretos: Mauricio N. Lima, Valdemar  
Cordeiro, Lotman Charoux (que viveu em Santos) ~~depois~~  
~~da Saia de Lote~~ e os meus fezer. O grupo compo-se  
comigo logo no inicio com excecao de Valdemar  
Cordeiro que foi mais relutante com a minha adsa  
entendia ~~se~~ ele Cordeiro, o lider absoluto dos demais  
companheiros e eu teria que me submeter aos  
seus caprichos de "lider" o que a esta altura mas  
me agradava muito pelo seu genio intransigente.

Eu tinha todo o interesse em participar do grupo  
concreto e desmostrei, no correr do tempo, o respeito  
e a consideracao que tinha pelos companheiros e suas  
obras. Colaborava no que podia em termos de  
adsa.

A arte concreta tornou-se para mim tudo o que desejava para <sup>minhas</sup> obras. Apreendi muito na convivência com grupos e no debate das ideias ~~que~~ <sup>formávamos</sup> num grupo vivo e atuante, esclarecido e muito objetivo em ~~seus~~ <sup>suos</sup> postulações de arte. Cordeiro tinha o merito da teoria sobre a arte concreta e misto ele superava a toda - o que lia de manhã "vomitava" a noite nos reuniões.

Em ~~aqueles~~ <sup>aqueles</sup> tempos fiz uma literatura especializada em arte concreta - tudo e todos os livros e ou artigos que a abordavam, foram noites e noites seguidamente ~~de~~ <sup>de debates</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> considerações e desconsiderações do que ouvia e lia.

O poeta Concreto, Augusto de Campos também comparecia às reuniões e Signatari/Desci'o era constante depois de sua volta da europa. Desci'o, logo no início ~~compôs~~ <sup>compôs</sup> - se comigo.

Mais tarde em 1960 fizemos a P.O.P. Agência de Subicidok

Foram também tempos de muitas ~~poemas~~ <sup>poemas</sup> ~~em~~ <sup>em</sup> ~~poemas~~ <sup>poemas</sup> cantinas (Cantina 13 de Maio, na Rua Santa Antonia) <sup>a mais</sup> frequentada no Clubinho dos artistas e no bar do MAM, na Rua 7 de Abril. No MAM conheci Sergio Millet, Osvaldo de Andrade em seus últimos tempos, Lourival Gomes Machado, Arnaldo Pedroso Berto

As minhas brigas com W.C. foram de contumacia amigada que aos poucos cedeu lugar as magoas - só perdoadas após a sua morte muito prematura 48 anos.

Cordeiro tinha momentos de grande sensibilidade e ternura que as vezes me deixava mais "cabreiro" pensando que ele estava puxando os sacos ou adulando, tal era o contraste com seus momentos odiosos e arrogantes. Insuportavel.

Quando inseguro vivia, a pretensão de liderar um movimento sério, a exigir fidelidade como que se fosse partidária. Certa vez, por esse absurdo, ~~coloquei~~ <sup>coloquei</sup> a disposição o cargo de membro organizador do Salão de Arte Moderna segue

Nunca outra oportunidade espreguei-lhe no nariz (13)  
36 assinaturas de artistas com mais de 3 biennais para  
que as leva-se ao Círculo e conseguiu-se isenção de  
Juri das proximas Biennais - a isenção foi conseguida  
no IV Biennal.

Em outra oportunidade em que Walter Zanini, diretor  
do MAC, incumbiu-me de reunir obras de pintores  
concretos para o acervo do Museu - obras que seriam  
compradas e não doadas - não resistiu. Quando  
me telefonei dando-lhe a noticia que reservava a sua  
obra para o acervo pois fora toda sua vida de vida  
descadela e desnecessaria - por telefone, prometeu  
que viria a meu encontro para ~~me~~ aplicar um  
corretivo <sup>no traidor, dizendo que</sup> porque eu não tinha autorizações para  
falar em nome da arte concreta - (a esta altura achava-se  
o senhor absoluto da <sup>arte</sup> concreta no mundo) isto já era  
comício demais para suportar - Ainda no telefone,  
disse-lhe que viesse rápido ao meu encontro e que  
o esperava nas com um pedaço de pau, mais <sup>sim</sup> com  
uma bacia de vomitos e deu-lhe ainda um  
senhora ~~merda!!!~~ - Infelizmente essa foi a ultima  
imagem que tirei do cordeiro antes de sua morte  
mas houve tempo suficiente para fazer uma imagem  
desagradavel ou para dizer-lhe que ninguém precisa  
de autorizações para falar em nome da arte concreta e que  
ele como "líder" já estava descambiado para a ~~anormalidade~~.

Os homens por mais inteligentes (cordeiro era) também se  
deterioraram. O melhor, que fossem biodegradáveis.

Na verdade coube a todos nos a ~~culpa~~ do grupo:

para Suciotti, Maurício, Feyer, ~~e~~ Judith e eu a culpa pela  
"liderança" do cordeiro sobre as pessoas e não só sobre as ideias

A liderança de ideias era inconstante em cordeiro, mas  
daí a mandar em gente, "líder" gente é muita acomodação  
daquelles que permitiram e se submeteram a este tipo de  
liderança. Isto foi um período de recesso que se inflou cada  
vez mais

inchou tanto ~~em~~ <sup>essa</sup> aquela falsa liderança que (14)  
Cordeiro vestiu a carapuça de líder absoluto, ~~rapidez~~  
~~rapidez~~. As brigas eram constantes entre Decio e Cordeiro  
por essa razão ~~devido a essas constantes~~  
~~brigas e desistências~~ - as imposições e a prepotência  
as vezes paterna, que Cordeiro se desentendeu em sua  
própria empresa onde machucou com salários aos seus  
empregados para que o aturasse.

A (peça quiusa) do grupo a ouvir o líder, era o seu  
partido predileto, mas é a toa que Decio, ~~se~~ mais de uma  
vez o chamou de Stalin.

Recordando estas coisas, (hoje - 1984) parecem irreais, como  
o homem acordado poderia aturar tanto coisa descobida.  
E de prepotência. É o deix "prá-tá", e comodidade de depois  
e vice é falsa paciência. É essa atitude que geram e  
geraram todos os ~~prespotos~~ / ditores / assaltantes do  
poder sobre a face de terra. Cordeiro era na verdade: -  
um fascista. Levei muito tempo para entender.

(O depoimento sobre o U.C. preciso eavel) - (mais conciso e enxuto)

Sofro do mal da sensibilidade, e sensibilidade  
neste caso não é qualidade. Acredito até que este ~~tipo de~~  
~~doença~~ mal propicia a comodidade - basta ser sensível e  
pronto.

Levo muito tempo para perceber onde está o inimigo e por  
essa razão tenho alimentado amigos que na verdade <sup>de</sup> não  
existiram. Mas foram poucos que se ~~alinharam~~ aproveitaram  
deste meu comportamento, encostaram-se enquanto era  
vivo o interesse e se afastaram ou sumiram como num toque  
de magia. Na verdade o que eu considero amigo, ~~entendia~~  
entendiam-se colega. Se estou vivo ou morto pouco importa.

A Empresa P.D.P. poranda fundada em 1960 - <sup>e pelo amigo</sup> por mim, <sup>foi Decio</sup>  
o compri propicio para esses colegas e o Sr. Paulo Agostini de  
Almeida foi um deles. esse individuo criou em mim  
fez de tudo para nos dividir

a ideia que (~~"Minimais só é solidário no cancer"~~)  
de mineiros o que eu gosto mesmo é do queijo - quando fresco.  
Esse foi o tipo <sup>de indivíduos</sup> que Otto Lara Resende definiu muito  
bem "mineiros só é solidário no cancer".

instituto de arte contemporânea